

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA

Director honorário:  
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

E SE FALÁSSEMOS DE:

## DINHEIRO

Por Francisco Correia

RECONHEÇO, amigo leitor, que não são boas falas as que, desta vez, ides escutar. Isto de falar de dinheiro, quando ele concentra as causas das maiores preocupações que nos consomem, nada tem de divertido e é até inoportuno, porque pode avivar, momentaneamente, essas preocupações. Procuremos, porém, esquecer a verdade do velho rifão que nos faz viver, recordando, e já que, do dito, esta conversa não nos pode encher a bolsa, que, ao menos, nos acrescente ao bestunto mais algumas ideias...

O dinheiro, leitor amigo, é quase tão velho como a velhice do Homem.

É claro que não se representava por estes pedaços de papel

impresso, tão agradáveis à vista e muito mais ao paladar... cheios de cor e de fantasia, onde não falta a carranca deste ou daquele herói e umas certas palavrinhas que, mágicamente, lhe

(Continua na página 2)

## SOLENE SESSÃO INAUGURAL DA UCIDT

No dia 14 de Fevereiro, pelas 21,30 horas, na Sede da Associação Industrial Portuense, realizou-se uma imponente Sessão Solene para inaugurar a Secção Regional da «UCIDT», que foi presidida por Sua Excelência Re-

verendíssima o Senhor Bispo do Porto — D. António Ferreira Gomes.

Na mesa de honra viam-se os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Dr. Domingos Braga da Cruz, ilustre Governador Civil do Porto; Tenente Gonçalo de Meireles, Representante do General-Comandante da I Região Militar; Arquitecto Rogério Azevedo, Representante da Câmara Municipal; Desembargador Dr. Gustavo Teixeira Dias, Representante da Relação; Doutor Amândio Tavares, Reitor da Universidade; Engenheiro Mário Borges, Presidente da Associação Industrial; Dr. Valadão Chagas, Delegado do I. N. T. e P.; Prof. Dr. Pacheco de Amorim, Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho, Dr. Justino Cruz, Dr. Joaquim Maia, Dr. Eugénio Braga, Júlio Pinto Vieira, Alvaro Monteiro, Dr. Carlos Graça, etc., etc.

Deu início à sessão o Snr. Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho, ilustre Presidente da Comissão Organizadora da UCIDT, Vereador da Câmara Municipal do Porto e importante Industrial em Barcelos e cidade invicta, que disse:

«Como sabem, toda a doutrina social cristã está expressa nas «Encíclicas». Foi a 28 de Dezembro de 1878, que Leão XIII, na sua memorável encíclica «Quod Apostoloci Muneris», focou, pela primeira vez, com de-sassombro, o aspecto social, numa época em que o liberalismo económico estava a ser o causador do grave conflito que levou os trabalhadores a uma situação de miséria. Leão XIII, continua a doutrina desta «Encíclica» com a célebre «Rerum Novarum», de 15 de Maio de 1891. Começa por defender a autoridade no seio da sociedade, da família, e da oficina, contra os ataques do «igualitarismo» comunista, que abria caminho a certas pretensões sediciosas do liberalismo político.

## Actividades da Delegação de Braga da F.N.A.T.

COMO já vai sendo do conhecimento geral a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho é uma instituição que se destina a promover a valorização das classes trabalhadoras em todos os seus aspectos ou, como disse um dia o então Subsecretário de Estado

das Corporações Snr. Dr. António de Castro Fernandes, «instituição que pretende que cada trabalhador tire, dos vágares que lhe dá uma vida profissional menos absorvente, as vantagens de que ele próprio beneficiará e de que aproveitará toda a colectividade».

A obra já realizada é vasta e complexa, exigindo longa série de artigos, mas não é esse o objectivo de agora.

Para melhor alcançar todo o País na sua actividade meritória, criou Delegações responsáveis pela aplicação das suas iniciativas nos Distritos em que superintendem.

A Delegação de Braga, criada em 1943 tem procurado, através de todas as vicissitudes, bem cumprir a missão que lhe foi destinada, e apresenta-se agora a consolidar a sua posição estendendo actividades que beneficiarão todo o Distrito.

Para tanto acaba de adquirir um magnífico imóvel situado na Avenida Central — coração da Cidade — e onde até há bem pouco tempo esteve instalada a filial da Caixa Geral de Depósitos.

Nessa nova Sede vão iniciar-se brevemente as obras necessárias à adaptação, estando prevista a construção duma magnífica sala de espectáculos onde se pensa realizar serões, espectáculos e sessões

(Continua na página 2)

## P O E M A

Companheiro: dá-me o teu braço e vamos.  
Que importa a tempestade,  
os rugidos do mar, a escuridão  
e a loucura dos ventos? que me importa?  
Se eu sentir bem na minha a tua mão?

Fu sei que as ondas vão erguer-se em fúria  
e cada nuvem se fará trovão.  
Mas que importa?  
Se eu sentir bem na minha a tua mão?

Lutas, cansaços, perigos, intempéries.  
nada será em vão  
se vieres comigo, companheiro,  
se eu sentir bem na minha a tua mão.

Zulmira Gaúção

(Continua na página 8)

## Fazem anos no mês de ABRIL, os nossos seguintes trabalhadores:

DIA 1 — Ana Ferreira Pedras e António Alvaro G. Terroso.

DIA 3 — Palmira da S. Barros e Maria José Barros Nascimento.

DIA 4 — Maria de L. F. Mithazes, Perpétua Fernandes de Campos e Aparício de Miranda Pereira.

DIA 5 — Rodrigo Martins Garrido.

DIA 6 — Rosa Carvalho Fernandes.

DIA 7 — Rosa Lopes Vilas Boas.

DIA 8 — Ermelinda Ferreira Cardoso.

DIA 9 — Maria da C. C. Lopes.

DIA 10 — Manuel C. C. Figueiredo, Emília Augusta da Paixão e Maria Fernandes Pe-restrelo.

DIA 11 — António Maria Veríssimo e Maria José de Miranda.

DIA 12 — José Maria dos S. Martins, Maria da C. C. da Costa e Domingos A. Faria Dantas.

DIA 13 — José T. Vilas Boas, Margarida A. G. Casanova, Filomena da Glória C. Calheiros e António Oliveira da Silva.

DIA 14 — Alvaro Terroso, Maria do Céu Martins Vieira e Laura de Oliveira Dias.

DIA 15 — Maria do Carmo Gomes Areias.

DIA 16 — Maria do Carmo R. dos Santos.

DIA 17 — Maria Augusta de S. Dias e Alzira Correia Gomes.

DIA 18 — Eva Augusta Dias Pimenta.

DIA 19 — Carolina Fernandes Coelho.

DIA 20 — Carlos Gonçalves Pereira.

DIA 21 — Carolina A. C. Gomes.

DIA 24 — Teotónio Marinho de Lima e Teotónio Lemos Rodrigues da Silva.

DIA 25 — Maria L. V. Dias e Rosa Marques Salgado.

DIA 26 — Celeste Pereira, Maria Satalina S. A. da Costa e Aurora de Magalhães Leite.

DIA 27 — Catarina de J. Freitas, Maria do Carmo M. Gomes e Manuel Facho da Costa.

DIA 29 — Maria Helena Gonçalves da Silva e Eduardo Ribeiro da Costa.

DIA 30 — Maria Manuela Duarte Vieira e Valdemar R. L. Machado.



### Mensais

DIA 2 — João Dias de Figueiredo.

DIA 3 — Licínio V. F. Esteves.

DIA 5 — Maria Celeste P. L. Anjo.

DIA 7 — José Pires Bigote, nosso querido redactor desportivo.

DIA 9 — Rogério Pereira Esteves.

DIA 10 — Maria Antónia Santos Pereira.

DIA 26 — José da Silva Freitas.

## Actividades da Delegação de Braga da F.N.A.T.

(Continuação da 1.ª pág.)

de cinema dedicados às classes trabalhadores.

Nos terrenos anexos ficaram instaladas instalações desportivas para os chamados desportos pobres e, talvez, uma piscina.

Uma das suas aspirações de sempre está em vésperas da mais retumbante concretização; a aquisição de um autocarro. Sabemos que a sua entrega está por dias e com ele se abre um vasto campo de acção para a Delegação, que fica com meios de proporcionar a realização de excursões a preços módicos, a todos os trabalhadores do Distrito, ao mesmo tempo que facilitará a realização de espectáculos nos diferentes Centros Fabris com mais frequência e em condições mais económicas.

Possui uma magnífica máquina de Cinema Sonoro com a qual tem proporcionado às Casas do Povo do Distrito excelentes sessões de cinema que têm sido muito apreciadas e louvadas. Até esta data sabemos que já foram dadas cerca de 125 sessões.

Parece-nos inútil encarecer esta iniciativa que tem proporcionado a tantas populações rurais meios de distração que apenas conheciam de nome. E será oportuno salientar que a referida máquina está equipada para exibição de filmes coloridos de que já deu uma amostra com o documentário das últimas Festas das Cruzes em Barcelos.

Mantém 3 bons agrupamentos artísticos: Grupo Folclórico, Dr. Gonçalo Sampaio, Orquestra de Variedades e a original Orquestra Típica de Cavaquinhos, com os quais tem dado serões recreativos em diferentes fábricas e terras.

No campo desportivo tem procurado aumentar cada vez mais o número de grupos participantes nos seus Campeonatos. No actual Campeonato de Futebol que decorre com grande entusiasmo inscreveram-se 10 grupos em representação de Casas do Povo, Centro de Alegria no Traba-

E SE FALÁSSEMOS DE:

## DINHEIRO

(Continuação da 1.ª pág.)

definem o valor e um tal luzimento que nem o sebo, nem a sujidade são capazes de diminuir.

As primeiras formas de dinheiro ou de moeda, foram os próprios produtos que cada um colhia e cujos excedentes trocava por outros de que necessitava. Esta prática tinha os seus inconvenientes, sobretudo quando eram de muitas e diferentes espécies os produtos a trocar. Calcula a confusão que se apresentava para trocar, por exemplo, uma vaca por milho, peles, sal, caça, etc.... Essas dificuldades, foram mais ou menos, amenizadas com a criação dum produto padrão, pelo qual eram trocados os outros produtos. Tanto podia ser o gado, usado como base de troca entre os povos pastores, como o sal, o arroz, o chã, ou quaisquer outros, conforme as regiões onde abundavam e se convencionava servir como medida equivalente. Tais produtos, que não podiam ser recusados nos pagamentos, porque estabeleciam uma espécie denominador comum de valores, tinham a função de dinheiro.

Assim, por exemplo, se galinhas abundavam numa região, a moeda eram galinhas... Mas as galinhas morriam, não podiam ser fraccionadas em valores proporcionais, eram incómodas para transportar e o seu entesouramento tornava-se dificultoso. Estes inconvenientes tanto existiam para galinhas, como para quaisquer outras mercadorias.

O Homem, porém, buscou sempre maneira de simplificar a

vida e facilitar as suas relações, e encontrou nos metais a melhor forma de substituição da mercadoria moeda. Fundiu-os, primeiro, em barras, cujo valor provinha do peso—moeda pesada—e mais tarde dividiu-os em pedaços pequenos, com o peso e o toque gravados—moeda puncionada. Este sistema simplificou muito as transacções comerciais e a própria vida, mas não era ainda perfeito. As barras e os próprios pedaços de metal tinham de ser pesados amiudadas vezes e o próprio entesouramento continuava dificultoso, pelo volume da moeda. A solução para tais inconvenientes achou-se com a cunhagem dos metais em forma de discos—moeda cunhada—que não se deforma, é de desgaste difícil, porque os desenhos em relevo tornam pequenas as superfícies de contacto, e pode amearhar-se. É esta a moeda que ainda hoje circula em todos os países.

A par dela e com a mesma função, circulam também as notas, que não são mais do que moeda papel, cujo valor é garantido pelos estados ou pelos bancos emissores, à custa duma reserva de metais, ouro e prata, amoadados ou em barra.

Sobre moedas e notas, que o mesmo é dizer, sobre dinheiro, muito mais poderíamos conversar. Parece-me, no entanto, aconselhável, amigo leitor, callarmo-nos por aqui. É que nestas coisas de dinheiro, mais valem uns contos calados, que todos os contos contados... nesta amistosa conversa!

F. Correia

## Entrevista à fundadora da «Casa dos Rapazes»

Ex.<sup>ma</sup> Srv.<sup>a</sup> D. Joaquina da Cunha Vieira

.....  
.....

1.º — Como se entusiasmou V. Ex.<sup>a</sup> a esta grandiosa realização e quem foram as pessoas que, de início, ajudaram V. Ex.<sup>a</sup>

lho e Centros de Recreio Populares. Também estão decorrendo os Campeonatos de Tênis de Mesa, individual e por equipas, os quais devem terminar dentro de dias.

Outras actividades desportivas estão previstas de acordo com o calendário da F.N.A.T., como seja o Voleibol, Tiro, Atletismo, etc.

E assim se procura realizar uma obra séria, sem reclames fáceis mas com realizações prudentes.

L. A.

a erguer a obra social da «CASA DOS RAPAZES»?

— Em Barcelos havia e felizmente ainda há algumas organizações, destinadas à educação de raparigas. Mas os rapazes nada tinham para seu amparo. Aqueles a quem faltava o carinho familiar, vagueavam pelas ruas, rotos, famintos e indisciplinados. Em dias de mercado semanal, eles davam uma triste nota de rapacidade, que muito mal impressionava os feirantes, em maioria estranhos a Barcelos, e que nos colocava mal aos olhos dos que aqui vêm em passeio.

Os rapazes da rua eram uma vergonha para a nossa Terra e o seu abandono, uma ameaça séria para o futuro deles. Impunha-se recolhê-los, ampará-los e educá-los, desviando-os da ociosidade, da vadiagem e do

# MINHO! JARDIM DE SONHO

Por Manuel Celso da S. Cunha

Minho, de incomparável beleza, sorri dos seus campos a alvura das lindas flores campestres, que convidam o visitante a horas de emotiva beleza e sonho, juntando ao prazer que seus olhos bebem a comodidade dum maravilhoso sistema rodoviário, que os obriga a contemplar, demoradamente, esta sóbria paisagem minhota...

As mulheres, de rosto apergaminhado, debruçadas sobre o peso dos anos, lavam brancas roupas, tão brancas como os seus próprios cabelos.

Moçoilas, trajando à maneira minhota, descem, para a fonte, em grupos, rindo e cantando alegremente e segurando, na cabeça ou debaixo dos braços, os lindos, bojudos e graciosos cantaros de barro vermelho.

Nas feiras, moças graciosas e de seios fartos exibem grossos cordões de ouro com medalhões de filigranas. Dos seus lábios, ébrios de alegria, desprendem-se doces sorrisos... que nos encantam e nos fascinam... De cintas delgadas, cabeças aureoladas com grossas tranças enroladas, chinelas pretas, muito justas aos pés, saias cingidas, com pregas ou rodadas, blusas muito frescas, elas, as mulheres do Minho, com as mangas arregaçadas, mesmo em pleno inverno... em prestam com o viço da sua mocidade,

uma nota alacre neste canteiro de Portugal!...

A mulher minhota é fresca e sadia e, quando trabalha, leva tudo na sua frente, como se costuma dizer, e eu posso traduzir desta maneira:

*Estas moças cá do Minho  
Fazem os homens bailar...  
Os seus seios... cachos d'uvas...  
Difíceis de vindimar!...*

E aqui e acolá, Maneis atiradiços, com rubros cravos ao peito, vão dando penicões às moças nas romarias... Aproximam-se, como a medo, e vão chegando aos ouvidos delas palavrinhas quentes e ternas, na simplicidade castiça duma intenção interior... E elas, tontas de encanto, ficam com as cabecitas à roda...

(Continua no próximo número)

## Falta de espaço

Por este motivo, deixamos de inserir neste número vários original, o que pedimos desculpa aos nossos prezados leitores e colaboradores.

4.º) — Gostaria de levar ao conhecimento do mundo leitor do nosso Boletim quais foram as entidades particulares que melhor souberam atender ao seu apelo. Pode dizer-me quais foram?

— O apoio e o encorajamento de todos recebidos foram tais que não é possível nem justo destacar alguém, porque ninguém se negou a contribuir, na medida das suas posses, suprida, como ficou, a natural diferença, pela boa vontade de todos.

Devemos realçar porém o bom acolhimento que tivemos das autoridades locais, civis e eclesiásticas, cujo auxílio muito nos ajudou, dando-nos alento e coragem para prosseguir nesta obra de bem fazer.

5.º) — O Governo da Nação tem ajudado essa obra, de que V. Ex.ª foi iniciadora?

— O Estado reconheceu a necessidade da acção da "CRUZADA DO BEM" e aprovou-a. Mas a "CASA DOS RAPAZES", desde a sua fundação, em 19 de Março de 1945, até 1952, não recebeu qualquer auxílio do Governo da Nação. Ultimamente foram-nos concedidos alguns subsídios, pelo Subsecretariado da Assistência.

Mas muito mais é legítimo esperar do Estado — e certamente

## MÚSICA

(Continuação da página 7)

vés de todas as civilizações e suas consequentes formas religiosas, fazendo reunir as massas num mesmo coro afectivo de louvor ou de súplica.

Humberto D'Avila

não esperamos em vão — porque todos sabemos do amparo que os poderes públicos dispensam à caridade, mormente à que visa à educação e regeneração de crianças, abandonadas e deficientes.

6.º) — Com quanto já contribuí o Governo?

— Os auxílios recebidos do Governo, são os seguintes:

Em 1952 — 7.000\$00, como Subsídio de Cooperação.

Em 1953 — 12.000\$00, como Subsídio de Cooperação.

Em 1954 — 12.000\$00, como Subsídio de Cooperação.

Em 1954 — 7.000\$00, como Subsídio Eventual.

Em 1955 — 20.000\$00, como Subsídio de Cooperação.

Em 1954 foi-nos concedida ainda a verba de esc. 50.000\$00, para obras.

7.º) — Quem são as pessoas que formam actualmente o corpo directivo da "CASA DOS RAPAZES"?

— A Direcção actual é formada pelos Senhores seguintes: Dr. Manuel Alberto Rodrigues de Faria, Presidente; Francisco José Rodrigues, Tesoureiro; Artur de Sousa Basto, Secretário, prestando valiosos serviços à organização o Sr. Ilídio Manuel da Silva Pimenta.

8.º) — Gostaria de arquivar nas páginas do "Boletim Social da Tebe" o plano que certamente tem gizado para o futuro. Dir-me-á em que bases e esperança assenta?

— Plano para o futuro da "CASA DOS RAPAZES", é o mesmo da "CRUZADA DO BEM": amparo dos seus protegidos, desde a admissão até à morte, pois que, para além da protecção na infância e na adolescência, a acção da obra continuará em todas as dificuldades da vida, como no emprego, no casamento, etc., etc.

Como programa mais próximo e condicionante do futuro, a Direcção procura amortizar a dívida da aquisição da nova sede, onde a organização ficará regularmente acomodada, pensando mandar fazer obras de conservação, de que o prédio muito carece, e de adaptação, e, mais tarde, proceder à montagem de oficinas, destinadas à aprendizagem dos rapazes.

A par da formação moral e religiosa e da instrução, proporcionará aos seus pupilos a prática do desporto, no seguimento da máxima "mens sana in corpore sano".

9.º) — Qual é o número de crianças que actualmente frequenta a "CASA DOS RAPAZES"?

— A frequência actual é de 80 rapazes.

10.º) — Consta-nos que, da "CASA DOS RAPAZES" têm saído grandes artistas, alguns dos quais já se encontram em boas condições de vida, trabalhando em terras do Brasil?

— Um caso se dá nesta obra, talvez novidade entre as congé-

neres: os seus pupilos fazem aprendizagem das artes nas oficinas dos industriais de Barcelos, que os recebem carinhosamente.

Alguns, formados deste modo, já conhecem êxitos na vida. É o caso, para exemplo, de um rapaz que aprendeu a arte de ourives na "OFICINA LOMBA", da Rua D. António Barroso e que, chamado pela família ao Brasil, está estabelecido no Rio de Janeiro com este ofício.

E ainda um outro rapaz, hoje soldado ao serviço da Pátria, na Índia, que nas suas cartas à família diz que, se não fosse a educação recebida na "CASA DOS RAPAZES", seria um infeliz na vida. O hábito de trabalho que aqui lhe inculcamos leva-o a aproveitar as horas de licença, lá no longínquo oriente, em actividades proveitosas, que lhe permitiram amealhar já algumas centenas de escudos.

11.º) — Gostaria que nos dissesse mais alguma coisa, pelo que deixamos estas linhas ao dispor de V. Ex.ª:

— A acção da "CASA DOS RAPAZES" não podia desenvolver-se na acanhada casa onde foi fundada. Proporcionando-se ocasião de uma compra, em condições e local satisfatórios e com possibilidades de expansão no futuro, a Direcção não vacilou em fazer a aquisição, embora tomando uma responsabilidade grande, mas que espera satisfazer, com o auxílio dos Barcelenses.

A compra da casa importou em cerca de 350 contos, dos quais ainda se devem 150 contos, que têm de ser pagos.

As obras para adaptação da casa importam em 350 contos, havendo já os 50 contos recebidos do Estado para este fim.

Espera-se auxílio do Governo, com uma participação, que permita a realização das obras, mas a organização tem de suportar o encargo que, à sua parte, lhe traz essa pedida participação.

Só depois destas obras realizadas podemos contar com as oficinas, como uma realidade por que todos ansiamos, pelo que a organização dirige o seu apelo aos Barcelenses e a todas as pessoas de boa vontade, para que a auxiliem com os seus donativos.

O plano a realizar é grandioso, mas realizável, sobretudo se todos ajudarem.

Para terminar, apresento ao Ex.ª Sr. Director do "BOLETIM SOCIAL DA TEBE", por mim e, por amável incumbência da Direcção, em nome da "CASA DOS RAPAZES", os melhores agradecimentos pelo bom serviço de pôr as colunas deste seu apreciado mensário ao serviço de uma cruzada de bem-fazer, tão útil e necessária, como é o amparo e a educação dos rapazes abandonados, muitos deles infelizes orfãosinhos.



# PAGINA FEMININA

## Raparigas!...

### Jovens Operárias!!!

**U**ÓS tendes, como toda a mulher, um Ideal! Um Ideal elevado e nobre, puro e são!

Os vossos sonhos de raparigas, na riqueza do vosso frescor, e na pujança da vossa mocidade, gritam-vos:

Vida, Vida, vivei a vida!!!

Mas «Viver a Vida» que será?

Será acaso dissipá-la aos poucos, em devaneios que vos arrastam e tantas vezes vos perdem?

Ah, não! Vós sonhais com o vosso Lar, como toda a Mulher que se preza!

E vêde, nas vossas companheiras de trabalho, aquelas que vão ao altar de olhos postos na santidade do matrimónio, quanta protecção e carinho têm tido por parte das entidades patronais, que desejam, acima de tudo, valorizar o nível moral das suas fábricas! Até os filhinhos, nas creches, encontram o calor que em casa elas lhes não podem dar!

E vêde também aquelas que vão caindo, levadas tristemente por falsas quimeras, arrastadas tenazmente por ilusões que as cegam!

Vêde! Pobres farrapos que o mundo calca aos pés e despreza, pobres flores desfolhadas que tão mal viveram a Vida!...

\*

Todo o orbe católico vibra com o Movimento Operário Católico que cerra fileiras contra a desagregação da Família, verdadeira célula viva, sem a qual se perdem todas as concepções dum mundo melhor! E vós, Raparigas, tendes a J. O. C. que vos ajuda a defender os vossos sonhos tão queridos!

Ela pretende fazer de vós Mulher Digna, a Esposa Abnegada, a Mãe Exemplar!

Ela ajuda-vos a construir o vosso Lar: esse Lar santificado por um amor sem mancha, esse Lar tranquilo e cristão onde os filhos—bênção divina—nascem e cres-

## Medicina Elementar

Pela DOUTORA SOLEDADE PINHEIRO

### O SANGUE

**O** LÍQUIDO que corre nas nossas veias e artérias é extraordinariamente complexo. Tanto que, se alguém quisesse uma análise «completa» do sangue, isso seria um trabalho para vários meses e nela se gastariam alguns litros do mesmo líquido. O que vulgarmente se determina é a quantidade de um ou outro dos elementos que o constituem. O que de bom ou mau para a saúde existe no nosso organismo é por meio do sangue que chega a todas as partes do corpo para aí exercer a sua acção benéfica ou prejudicial. Pelo sangue são levados os alimentos absorvidos no intestino, o oxigénio do ar que respiramos, os medicamentos; pelo sangue é levado o álcool até ao cérebro, onde actua sobre as células nervosas, enfraquecendo a memória e a inteligência; no sangue circulam os venenos produzidos pelos micróbios (toxinas) que produzem elevação de temperatura do corpo.

Factor importantíssimo de vida e de saúde, todos instintivamente conhecem que o seu sangue é um bem precioso que devem proteger. O sangue dum pessoa não é igual ao de nenhuma outra — é tão pessoal como o nome que recebeu no baptismo; e mesmo com os maiores progressos da técnica nunca poderá vir a ser fabricado num laboratório.

Um adulto de estatura média tem aproximadamente 5 litros de sangue. Se num acidente perder mais de dois litros, a sua vida corre perigo e difícil-

mente poderá recompor-se se o sangue que perdeu não for substituído por outro. Neste caso o indivíduo recebe o que se chama uma «transusão de sangue». Outra pessoa dá um pouco do seu sangue para o salvar. Quem dá não é prejudicado porque a quantidade extraída é pequena; quem recebe, recebe de novo a vida quase extinta. Por isso quem dá sangue a um doente tem na alegria de o ter salvo a melhor recompensa, e não espera o dinheiro nem a gratidão de ninguém.

O prazer de dar está assim ao alcance de todos, porque neste caso só são pobres os portadores de doenças. Esses não poderão dar sangue. Embora ricos de dinheiro, serão inúteis perante uma vida em perigo, e qualquer operário com saúde poderá salvá-la.

O sangue dum indivíduo não pode ser administrado em qualquer pessoa, ao acaso. Quem dá tem que pertencer ao mesmo grupo que quem recebe, e há quatro grupos sanguíneos: A e O, mais vulgares entre nós; B e AB, menos frequentes. Só as pessoas do grupo O é que podem dar sangue a toda a gente: são os dadores Universais. Mas, por serem diferentes, não significa que os sangues sejam uns mais «fortes» que os outros, como muita gente pensa: e se do grupo O ou do grupo A como se é louro ou moreno, simplesmente.

A técnica cada vez mais perfeita de colher o sangue tornou esta operação indolor e inofensiva. Por isso ninguém deve ter receio de dar o seu sangue se lho pedirem. Não custa nada e significa muito.

cem como pequeninas flores orvalhadas pelo vosso carinho!

Isto, sim! Isto é Viver a Vida!...

\*

Raparigas! Jovens operárias!  
Que a vossa Comunhão Pascal «num só coração e numa só alma» seja o começo dum nova vida!

Vida pura. Ideal sem mancha.  
Salvai as vossas companheiras de trabalho, que se perdem nas ilusões funestas dum amor impuro! Ensinai-as a procurar a viver a verdadeira Vida!

E vós construíreis com o vosso esforço, através do vosso exemplo e da vossa acção, um mundo melhor!

Ercília Novais Machado

**A Pérola da Avenida** serve bem para servir sempre. O paladar e o bom gosto estão reunidos nesta casa de esmerada e requintado asseio. Almoços e jantares com pratos sempre regionais.



## RUMOS

### Um livro do poeta António Baptista

Por Francisco Correia

A moderna poesia portuguesa, gerada no inconformismo e na ânsia de criação duma literatura poética afastada dos clássicos moldes, a que haviam sido sujeitas gerações de poetas, encontrou grande número de cultores e continuadores. Desde Fernando Pessoa, tão genial mistificador como poeta, a José Régio, um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos, cuja obra profundamente humana, é clara, subtil, sincera; desde António Boto que conformava a sua poesia à simplicidade das palavras simples, despidas de artificios e de figuras literárias, subjectivamente emproadas, mas reais, vivas, profundas, a Manuel da Fonseca, rico no estilo e nos temas, enorme pléiade de poetas aderiu ou amoldou a sua poesia às novas tendências modernistas em que, à custa duma nova técnica, liberta das fórmulas métricas, e da renovação do espírito poético, se pretendia erguer e reconduzir a personalidade humana aos lugares primeiros duma consciência desburguesada.

Um desses poetas foi António Baptista que, desde muito novo—ele é um novo ainda—tem encontrado na poesia a melhor forma evasiva da sua inquietude e sensibilidade.

Publicou agora um novo livro «RUMOS», em que nos apresenta um conjunto de poemas de sentido humano e social, onde não falta ternura, insatisfação e intensidade comunicativa. Eles «foram escritos com a experiência e com a alma no amargor da luta pelo pão de cada dia» como o afirma no prefácio. De facto, «RUMOS» encerra alguns poemas cheios de vigor e de exaltação poética, profundamente belos na essência das intenções e na ânsia de justiça. «A minha ansiedade é só de justiça», desabafa o autor, justiça no trabalho e na luta, carinho na dor e no sofrimento, amor na desfortuna e na miséria. É esta a sua mensagem, a mensagem «dum homem que luta, trabalhando, sentindo, sofrendo, mas crendo, ainda, numa vida melhor...»

*Talvez que assim a fome se torne irreal...  
E o mundo, então desfeito se torne sepultura,  
De corpos só com ossos, cobertos de amargura  
De balas de canhão e sangue universal.*

Esta estrofe final do poema «Inconformidade...» todo ele cheio de beleza e de simplicidade estética, em que a um inconformismo lancinante se funde uma esperança derradeira, uma esperança pelo que virá depois, dá bem ideia do estado de alma do poeta. Este mesmo sentimento de amargura se nota no poema «Rota que em mim acaba» que é uma tela real roubada à rua e pintada com sangue que só a angústia descoalha...

*Outro pedinte e outro,  
Gente amargurada,  
Que sofre, sente e morre  
Na berma da estrada.*

«Rumo à Europa» é, dentro da mesma amargura, um apelo quase agónico, mas ainda esperançoso, aos valores morais e espirituais do presente e que define a inquietude do poeta.

A par deste sentido humano e humanizante e dum misto de ternura e insatisfação que António Baptista, expressa, sinceramente, nos seus versos, nota-se um amadurecimento das faculdades poéticas e uma melhor associação dos ritmos clássicos com os ritmos livres.

Há vigor e exaltação poética. A versificação é fluente

### Aniversário

do Snr. Campos Henriques

No próximo número do nosso «Boletim» faremos o relato das festas ocorridas na comemoração do aniversário do Sr. Mário Campos Henriques.

### OURIVESARIA DA PÓVOA

A casa do bom gosto ao serviço dum público distinto.

### Visado pela Comissão de Censura

e variada e o estilo mais acordado à maneira de ser do autor.

Se é certo que alguns dos poemas desmerecem a valia da maior parte e até, dentro dum mesmo poema, se nota um certo desequilíbrio de formas e uma desigual intensidade rítmica ou poética, também é certo que em todos há um sentido preciso, exacto, naquilo que o poeta nos comunica.

Esta positividade expressiva, tão falha em grande número dos chamados poetas da nova geração—e tantos são no presente, a avaliar pela constante publicação de livros—que não passam de britadores de prosa, mas duma prosa incompreensível e inestética, é uma qualidade que muito apreciei neste livro de António Baptista.

Esta ausência de simplicidade e positividade expressiva, aliada à carência de sentido estético de muitos poetas que, petulantemente, se afirmam integrados na poesia da moderna geração é, quanto a mim, uma das razões da indiferença com que são aceites os livros de versos, de poetas não consagrados.

A capa de «RUMOS», de António Carlos, tem objectivismo e espiritualidade e a apresentação do livro é original e agradável.

(Do Jornal de Barcelos, de 24-III-55)

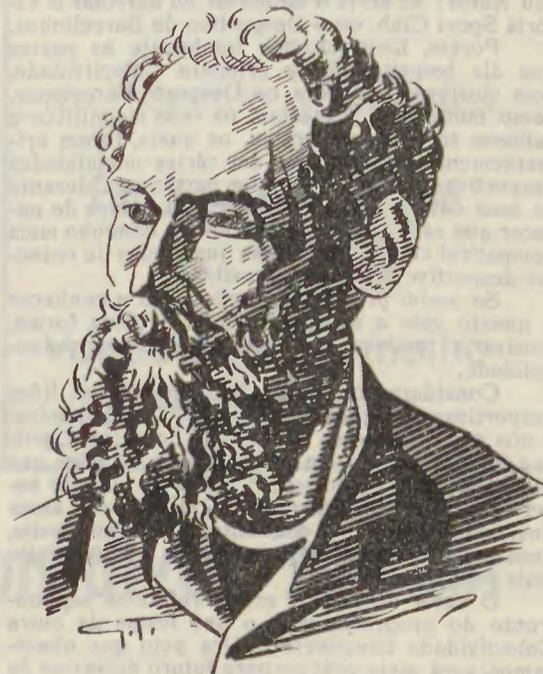
## Antero de Quental

### Um poeta que a crença e descrença arrastaram ao turbilhão da morte

Por ANTÓNIO BAPTISTA

QUANDO escrevo ou falo de Antero de Quental, da sua obra mais do que da sua vida, esqueço-me, por vezes, da sua mocidade e perco-me, quase sempre, na sua poética gigante de ideias, bem patente nos seus sonetos, que são, em boa verdade, e sem favor, dos melhores e mais transcendentais de toda uma época, ou melhor de toda uma literatura. Eles encarnam, no plano mais alto do pensamento humano, o mundo filosófico da sua estrutura gigante, onde a razão, dia após dia, o vai arrastando para o negativismo do sobrenatural e que há-de, mais tarde, empurrá-lo para o mundo do abismo.

Em carta autobiográfica, enviada a Wilhelm Stork em 14 de Maio de 1887, escreve nestes termos: «Varrida num instante a minha educação católica e



ANTERO DE QUENTAL

tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungentes, quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer plácidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida».

A vida de Antero está bem viva ao longo da linha do drama dos seus poemas onde, cada verso, cada quadra, cada terceto, cada soneto, realizam, numa função emotiva, um imperativo absorvente de uma ânsia insatisfeita.

(Continua no próximo número)



Dirigida por José Pires Bigote, Adriano Faria e Manuel de Sousa

## NOTA ESCLARECIMENTO

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte «Nota Esclarecimento»:

Barcelinhos, 19 de Fevereiro de 1955

... Snr. Director do *Boletim Social da TEBE*

BARCELOS

... Snr.

Tendo chegado ao nosso conhecimento e do público em geral, uma crónica publicada na Página Desportiva do «Boletim Social da TEBE», N.º 18, de Janeiro do ano em curso, do qual V. é mui digno Director, e, respeitante às festas comemorativas do XIV aniversário da fundação do Vitória Sport Club, de Barcelinhos, com o título «Aniversários», enviamos com o pedido de publicação o seguinte:

«Em referência à crónica publicada em o «Boletim Social da TEBE», com o título «Aniversários», e depois de apreciado o seu conteúdo, chegamos a uma conclusão e possivelmente será a mesma a que terá chegado o público, de que pondo em confronto as partes daquele artigo, nada tem de útil que possa ser aproveitado.

Não chegamos a compreender a intenção do seu Autor; se seria a de louvar ou derrotar o Vitória Sport Club, ou o Desportivo de Barcelinhos.

Porém, limitando-nos totalmente às partes que diz respeito àquela primeira Colectividade, com gloriosas tradições no Desporto Barcelense, como muito bem o atestam os seus magníficos e valiosos troféus que possui, os quais, foram brilhantemente conquistados em várias modalidades desportivas em que a mesma participou, durante os seus catorze anos de existência, somos de parecer que esse senhor teria trilhado caminho mais compatível com as suas boas qualidades de redactor desportivo, se ficasse no silêncio.

Se assim procedesse, teria dado a conhecer o quanto vale a sua experiência e, desta forma, mostraria também o quanto vale a sua personalidade.

Considera-nos esse senhor, novos nas lides desportivas e na orientação de Colectividades; e nós aceitamos essa opinião de bom grado, pois que nos colocando em paralelo com aqueles que são mais antigos, possuindo portanto grande experiência e conhecimentos suficientes para esses fins, comparados nós com outros da mesma valia, ousamos perguntar:—Quais são os que tem feito mais pelo Desporto?

O autor do mesmo artigo refere-se ao confronto do programa com o das festas da outra Colectividade congénere;—Ora pelo que observamos, será mais prático para futuro deixar-se de tocar música sem papel, visto que nem sequer conhecimento oficial lhe foi dado daquele programa, se ele não foi cumprido na íntegra, o certo é, que as deficiências que existiram, não foi por culpa única e exclusiva dos seus organizadores, mas sim daqueles que prometendo bem, melhor faltaram e, quanto à elaboração do programa em todos os seus números, foi feito por pessoa competentíssima e de conhecimentos bastantes para o efeito; e o mesmo se poderá dizer da sua realização.

Agora, é caso para perguntar: Porventura, haverá algum empreendimento, mesmo de grande vulto, que não tenha as suas deficiências?

Não faltam habilidosos a notar defeitos a uma obra efectuada, mas para a levar de vencida à sua efectivação!...

*Errare humanum est*, não há dúvida de que assim é, e foi realmente o que aconteceu ao senhor escrevinhador do mesmo artigo, pois que a verdade e sempre esta, faz lembrar uma cortiça,

## A Propósito de Columbofilia

No início da campanha de 1955

Começou a campanha desportiva de 1955! Os ânimos andam quentes... O «calendário» é duro mas não existe um só columbófilo desesperançado numa boa classificação dos pombos que com tantos sacrifícios, cansaças e carinhos preparou durante o período do defeso. É sempre assim no início. Esperança e mais esperança quando as ilusões ainda não ficaram pelo caminho. Depois, porque as ilusões não passaram de ilusões, quando as esperanças não se concretizaram, será o pessimismo temporário, um pouco de desalento—mas eis que de novo das desilusões nascem as ilusões. É a esperança outra vez, quiçá mais vigorosa, mais ousada. É de novo o princípio! Assim é em columbofilia e em todas as coisas.

Mas que é, a propósito, columbofilia? Que traduz? Compulsemos um dicionário, o de Moreno, por exemplo e ele nos dirá: «amor aos pombos; interesse pelos pombos». Assim, natural-

que por mais que a mergulhem em água, sempre vem à superfície da mesma.

Sempre tivemos pela Imprensa a máxima consideração e respeito e até, conhecedores em parte da espinhosa e ingrata missão que lhe compete, nunca desejamos com ela criar atritos, mas lamentamos bastante ter que trazer o caso a lume, o que não se viria a dar, se não tivesse chegado a esta Colectividade por intermédio do Correio um exemplar desse «Boletim», o que nunca se tinha dado desde a sua publicação.

Seria esse exemplar enviado só por ideia do articulista do artigo?

Seria o artigo trazido a público pelo motivo de assuntos particulares com alguns Directores?

Não sabemos nem nos interessa saber.

Esta Direcção, tem a inteira liberdade e confiança da Assembleia Geral e, com esta, está toda a sua massa Associativa, para resolver qualquer assunto que seja em prol da Colectividade; sem culpa para ela,—claro está—haja quaisquer deficiências no seu empreendimento e, não necessita de incitamentos daquelas pessoas que não sendo nada na Colectividade e inclusivamente sócios, se julgam muito inteligentes que nada percebendo e também nada fazendo pelo Desporto, só procuram criticar dando área de relevo àquelas iniciativas e obras efectuadas pelas pessoas responsáveis por esses assuntos.

Devemos acrescentar, que todas as iniciativas levadas a efeito tem sido única e exclusivamente, para elevar cada vez mais e melhor, o prestígio da Colectividade e da Terra, e, também pre-emptoriamente queremos afirmar de que nunca nos integramos em altas cavalarias, pois nesta parte, unicamente se integrou o autor desse mesmo artigo, por se meter naquilo em que não era chamado.

Para seu melhor esclarecimento, seria bom colocar-lhe à sua frente os exemplares da Imprensa local, como seja: «O Barcelense», n.º 2285, de 22 de Janeiro do ano corrente e, o n.º 254 do «Jornal de Barcelos», em que estes se referem largamente às referidas festas e, com estes, outros jornais da imprensa diária do País, como seja o «Correio do Minho» e o «Comércio do Porto».

E, com esta «NOTA ESCLARECIMENTO» para o Ex.º Público, devemos também informar o articulista em questão, de que, sob quaisquer pretextos, não aceitaremos qualquer réplica na hipótese de a haver, porque, como é já certo e sabido, criticar é fácil, mas fazer, é mais difícil!...

Pelo Vitória Sport Club de Barcelinhos

O Secretário Geral

a) Adolfo Pimenta do Vale

## Casa das Móveis

Sempre mobílias... Sempre carpetes...

Sempre os últimos gritos da moda

mente, columbófilo é todo aquele que ame os pombos, que se interesse por eles—mas sobretudo aquele que os ame. E eis porque, infelizmente, se aceitarmos a definição, como justa, poderemos dizer, sem ironia, que em Barcelos há muitos e poucos columbófilos. Muitos, porque muitos há que pelos pombos se interessam; poucos, porque poucos há que aos pombos amam.

Está neste desamor, sem dúvida, o erro fundamental de muitos columbófilos que eu tenho encontrado tantas vezes desesperados, sem encontrarem a razão dos seus fracassos. Cogitam, ar-quitectam hipóteses. «Porque falhei eu?» Mas a razão base não a encontram por mais voltas que dêem ao pobrezinho do miolo. E no entanto, como é tão fácil, tão acessível penetrar no mistério! O vosso erro, falsos columbófilos (podeis acusar-me de sentimentalismo ou daquilo que vos der na gana!) é simplesmente esquecerdes o verdadeiro significado da palavra columbofilia para serdes... sei lá... talvez maus negociantes. Sem o amor aos «bichos» não há a tão ambicionada «mão», a tal «queda» do tratador. Não há também a força que nos leva a insistir, a teimar sempre até acertarmos. Sem amor aos pombos vai-se o «segredo dos deuses» e aparece o mau negócio...

Não era este o tom que pretendi dar ao artigo destinado a ocupar o precioso espaço deste jornal. É curioso como nós nos desviamos com tanta facilidade daquilo que está nas nossas intenções... Mas agora, já que, movido não sei porque influências o artigo resolveu escapar-se do rumo que pretendi traçar-lhe, porque não deixá-lo caminhar na sua inocência? O quê, não concordam? Querem o inocente metido na ordem? Pronto, seja feita a vossa vontade. Outro assunto.

Nesta altura em que se inicia a campanha de 1955, eu quero, caros camaradas da columbofilia, lembrar-vos aquilo que esquece frequentemente a muitos: o pombo correio, a que anda ligado o símbolo da paz, neste mundo inchado de símbolos e de pouca paz, é desde há muito uma ave considerada—por Decreto—de Utilidade Pública; apesar disso as entidades oficiais da nossa terra, ao contrário do exemplo dado há pouco pelas entidades bracarense, ainda não concederam à Sociedade Columbófila Barcelense qualquer verba destinada a fomentar o nosso desporto; nem mesmo oferece uma simples e barata taçazinha que se lhes peça para disputar num dos concursos internacionais como Madrid ou Barcelona. A columbofilia barcelense vive portanto dos seus sócios e amigos. Vive daqueles que na columbofilia vêem um desporto nobre e belo (temos o Decreto a justificar oficialmente os adjectivos) e que por isso resolveram acarinhá-lo e praticá-lo. Por tudo isto há a necessidade de que nós columbófilos nos unamos mais para que mais eficientemente façamos pelo progresso da causa do pombo correio na nossa terra. Sejamos columbófilos no melhor sentido do termo porque sem isso e sem os «milagres» que a nós mesmos possamos pedir a columbofilia barcelense atrofiará.

Começa a campanha deste ano! Os ânimos estão quentes e todos têm esperanças. No entanto, uma coisa é certa: os vencedores não serão os que nela virem um «negócio». Serão antes aqueles que possuírem o segredo da sinceridade e do amor aos seus pombos, a condição fundamental e a maior arma do columbófilo autêntico.

SILVA

# MÚSICA

Por HUMBERTO D'AVILA

(Continuação do número anterior)

Em ambos os casos, a causa externa e próxima será essa: mas a interna e mais remota será a corrida, a excitação. Num batuque, só depois dos tambores haverem soado furiosamente, durante certo tempo, é que o canto irrompe, frenético, selvático. Talvez não se andasse muito longe da verdade, dizendo só do canto, como Spencer das primeiras manifestações musicais, que um excesso de energia nervosa é seu determinante, mas de energia nervosa desenvolvida pelo ritmo irresistível.

Assim, tem-se verificado que, nos povos primitivos antigos e nos primitivos actuais, o número dos instrumentos de percussão

é em esmagadora maioria. O instinto melódico é quase inexistente, embora seja grande a musicalidade dos negros dos nossos dias, como opina Schweinfurth. Só depois de surgir a música vocal principiam a aparecer os instrumentos musicais próprios ditos. A pouco e pouco, a voz começara a ser um meio de expressão incolor, demasiado uniforme, entre as gamas sempre variadas de toda a natureza vibrante. Ouvindo o chilreio dos pássaros, o homem procurou assobiar; escutando os ruídos da natureza, procurou imitá-los, utilizando-se de meios improvisados. Um búzio, uma cana, serviram para ele cons-

truir os primeiros instrumentos de sopro.

Darwin filiou, por seu turno, nos impulsos sexuais a origem da música. Que há certas espécies de pássaros que têm bonita plumagem mas não cantam; outros, têm voz e uma plumagem vulgar. Plumagem e voz seriam factores de atracção dos sexos opostos. A leoa no cio ruga; a cigarra solta o seu trinado característico. São animais que não vivem em sociedade e só nas épocas de reprodução se encontram. O canto serve para se chamarem uns aos outros, assinalando a sua presença. De resto, o aparelho com que a cigarra produz o seu trinado característico, afirmam-no os naturalistas, não pode ter também outra finalidade senão aquela. Por esta razão, o homem canta, a mulher pinta-se ou veste-se de cores berrantes. Algumas negras, ainda hoje, chegam até a pintar de zarcão o corpo todo. Esta hipótese deve-se associar

à de Combarieu, sabido como as manifestações sexuais estavam, nos povos primitivos, ligadas à prática da magia; mas, ambas, não explicam a origem quer da música vocal, quer da instrumental. São, antes, um elemento importantíssimo que se deve ter sempre em mente no estudo do desenvolvimento imediatamente posterior da música. E não só por isso, pois aquela heterofonia rudimentar dos instrumentos e da voz começou a possuir-se, com o tempo, dum significado especial. A dança, que sempre lhe esteve ligada, passou a fazer parte dum ritual. Dado o carácter fetichista de toda a vida social, ao complexo gesto-som atribuiu-se grande poder incantatório, sobrenatural e até terapêutico... Por meio dele, procurava-se conseguir o favor das divindades ou aplacar a sua cólera. E com esta função, entre outras, a música subsistirá até os nossos dias, atra-

(Continua na página 3)

## PAINEL PUBLICITÁRIO

### Casa do Café

COM

#### FÁBRICA DE TORREFACTÃO

Especialidade em  
CAFÉS, CEVADAS, CHÁS  
e todas as ESPECIARIAS.

O aroma do café da CASA DO CAFÉ  
tem perfume... abençoado café.

Preferi-lo é ter um paladar requintado...

Em BARCELOS na

Rua D. António Barroso, 61-63 — Telefone 8390

### Boletim Social da TEBE



Um jornal de ontem  
para sempre

Leia-o e divulgue-o



Boletim Social da TEBE

### Sametil

Um medicamento  
ao serviço da pele...

Em líquido e em pó

Vende-se nas melhores  
farmácias

Seus sapatos duram mais...

Seus pés cansam menos...

Com calçado da

## CASA CUNHA

DE

### FÉLIX LUÍS DA CUNHA

Pois que levam as cinco letras mágicas:

- C — confortável no interior
- E — elegante nas suas linhas
- L — leve como uma pluma
- S — suave no andar
- O — óptimo no preço

## João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

### « A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

# Um pouco de filatelia

## Abertura

Não era eu a pessoa indicada para escrever esta secção do «Boletim», já que não possuo os conhecimentos filatélicos precisos para que os leitores possam tirar algum proveito da sua leitura.

Mas se acedi ao pedido que me foi feito para tal, foi só porque julgo contribuir, embora modestamente, para um maior desenvolvimento, um maior entusiasmo, pela Filatelia em Barcelos.

É que há muita gente que junta selos, mas são relativamente poucos os que os colecionam como deve ser.

Na Filatelia, embora muitos pensem de maneira bem diversa, há um pouco de técnica, muito de arte e mais ainda de espírito científico.

No primeiro caso está o critério da escolha dos exemplares e o seu tratamento, no segundo a sua disposição, que mais se faz notar nas colecções temáticas e, no terceiro, o estudo de tudo o que se relaciona com o fabrico do selo, seus erros, tonalidades de colorido, outras variedades, etc.

Estão, neste último caso, as chamadas colecções de estudo.

Ao terminar estas breves considerações, não quero deixar de expressar aqui, o meu sincero reconhecimento ao Clube Filatélico de Portugal e ao seu ilustre presidente, Ex.<sup>mo</sup> Senhor Dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, pela forma amável e desinteressada como se prontificou a prestar toda a colaboração necessária, bem como a cedência de todas as gravuras pertencentes ao arquivo do Clube, do qual faz parte a que neste número publicamos.

Os nossos agradecimentos.

## Carimbo errado de Barcelos

O assunto que escolhi para iniciar esta secção foi o erro verificado no primeiro carimbo comemorativo, especialmente feito para a nossa cidade.

Por certo, ainda nem todos os colecionadores de marcas postais da nossa terra verificaram a omissão de um ponto entre o 21 e o 3, que se encontram a meio do carimbo, no seu lado esquerdo.

Assim se separaria o dia do mês, tal como havia sido determinado superiormente, e a gravura ilustra.

Resta informar que, por inquérito já feito, se verificou que o erro foi de fabrico do carimbo, pelo que todos os exemplares apresentam a mesma deficiência.

Como esta marca se destinava a comemorar a inauguração do monumento ao Bombeiro Vo-



luntário, houve quem, em carta dirigida ao Clube Filatélico de Portugal, perguntasse se aquele 213 indicava o número de corporações convidadas para tão grandiosa festa.

## Noticiário

No passado dia 17 foi posta em circulação uma nova emissão composta de nove selos representando as efigies dos Reis de Portugal da 1.<sup>a</sup> Dinastia. Desenhados pelo Pintor António Lino, que se inspirou na escultura coeva, todos os rostos foram ideados segundo os caracteres que o artista lhe atribuiu, à excepção do desenho do selo da taxa de 2\$00, que é uma cópia de documento fidedigno: a estátua jacente do Rei D. Pedro I, que se encontra no Mosteiro de Alcobaça.

No 1.<sup>o</sup> dia de circulação, e a quem o solicitasse, foi aposto o carimbo especial nos SIR (Lis-

# SOLENE SESSÃO INAUGURAL DA U C I D T

(Continuação da página 1)

O «igualitarismo» comunista proponha-se resolver o conflito entre o capital e o trabalho, suprimindo—pura e simplesmente—aquele e procurando estabelecer um sonho quimérico de igualdade—utopia que se converteu num servilismo escravizante para o homem. Leão XIII, insiste pela necessidade de restaurar, antes de mais, os costumes cristãos, que desempenharão papel preponderante na sociedade futura. Defende a legitimidade da propriedade privada, dizendo que Deus deu a terra aos homens para que eles a utilizassem e gozassem; com isto, não quero dizer que os homens a possuam—confusamente, nem tão pouco que Deus tivesse posto de parte este ou aquele homem,—o que deixou foi a delimitação da terra, como sinónimo de propriedade, à sabedoria do homem e à instituição dos poderes. A propriedade privada, é duma forma geral para o homem, o fruto do trabalho e o resultado duma vida de actividade intensa.

Mais adiante, o Snr. Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho, sublinha:

—Pio XI, em 15 de Maio de 1931, ou seja 40 anos depois, dá ao Mundo um novo documento sobre a questão social; a «Encíclica» «*Quadragesimo Anno*». Trata desenvolvidamente, e dum modo especial, das condições do operário, da necessidade de lhe elevar o nível de vida. Faz uma análise profunda da vida quer na ordem social, quer, especialmente, na económica.

Critica com oportunidade, e duma maneira penetrante, os erros dos governos, da sociedade e das empresas—e põe com toda a clareza a doutrina da Igreja nas suas relações com a ordem social e económica. Pena é que o seu alcance doutrinário ainda não tenha sido compreendido por todos, pois se o fosse, estaríamos numa vida melhor.

boa) e na Central da Batalha (Porto).

A emissão obedece ao seguinte plano:

Taxa	Cores	Tiragens
\$10	magenta	1.000.000
\$20	verde bronze	1.000.000
\$50	turqueza	1.500.000
\$90	verde esmeralda	250.000
1\$00	bordeaux	4.500.000
1\$40	carmim	250.000
1\$50	sépia	500.000
2\$00	vermelhão	250.000
2\$30	ultramar	750.000

C. A.

E informa:

—A União Católica dos Industriais Dirigentes de Trabalho procura pôr estes princípios em evidência, e para isso, valendo-se de pessoas esclarecidas e doutras, vai trazer, a todos os interessados, ensinamentos que serão expostos no Ciclo de Estudo que tem início a esta sessão inaugural.

Não podemos ter ilusões. O mundo do trabalho precisa duma reforma, e essa reforma terá de ser comandada por nós, para bem do progresso duma civilização que está gravemente enferma. Não basta condenarmos, comodamente, o comunismo. É necessário fazermos mais alguma coisa, e tudo que fizermos será em nosso próprio proveito. As legislações sociais podem suceder-se, mas se não tiverem uma base na Fé Cristã, só servirão para escravizar o homem e tornar-lhe a vida infeliz.

E com convicção:

—A Justiça social, só por si não é bastante. A Justiça Social temos de associar a lei da Caridade. A Caridade não substitui a Justiça, mas só a Caridade—e refiro-me à Caridade Cristã—só ela poderá congraçar os ânimos e unir os corações. Os direitos e os deveres dos patrões, são perfeitamente conciliáveis com os dos operários.

Nós sabemos que o comunismo aproveita e explora as más condições dos operários, procurando fazer-lhes acreditar que só «ele» resolverá os seus problemas capazmente. Temos que lhes fazer ver que isto é falso e que para resolver os seus problemas, é preciso que haja uma cooperação de todos para o bem comum, e essa cooperação só existirá quando tivermos a consciência de sermos membros de uma só família, com a mesma origem e o mesmo fim em Deus.

Ainda fizeram uso da palavra, pronunciando magistras discursos, os Snrs. Dr. Pacheco de Amorim e Engenheiro Horácio de Moura, encerrando a sessão o Senhor Bispo do Porto.

Todos os ilustres oradores receberam fartos e justos aplausos, porque dissertaram brilhantemente sobre temas sociais.

## Quadra popular

— Nossa Senhora é rosa,  
O menino é craveiro,  
Lindo cravo, linda rosa,  
Lindo amor verdadeiro.

Atalala (Pinhel)

## Disperso pelo Vento

### INÉDITO

*Sou a sombra de mim,  
num rútilo momento...*

*Caminho a delirar,  
sem nunca me encontrar,  
disperso pelo vento.*

*E quando penso, enfim,  
«que tudo vale a pena»  
esqueço-me de mim,  
da minha vastidão  
de dores tormentosas...  
e agito-me nas sombras  
da minha escuridão  
de noites invernosas...*

*Sou tudo e nada sou...  
sou gelo e sou calor...  
sou pó em movimento,  
que procura esquecer,  
no fogo dum amor,  
a cura para a dor  
que continua a arder.*

Jorge William